

OPINIÃO

(in)Feliz aniversário

Aos 75 anos, sem liderança nem consenso e com o multilateralismo em crise, as Nações Unidas não têm vida fácil.

Nuno Severiano Teixeira, Público, 23 de Setembro de 2020

Ninguém deu por isso, mas as Nações Unidas comemoraram, esta semana, 75 anos de idade. Não admira, quase ninguém foi à festa. O aniversário foi assinalado sem pompa nem circunstância. Em sessão virtual, com Guterres, mas sem chefes de Estado ou de governo e com a adopção de uma simples declaração política. Realista no propósito e modesta na ambição, que os tempos não estão para mais. *The Future We Want, the UN We Need* não anuncia a grande reforma que a data justificava. Reafirma, apenas, o compromisso vago com o multilateralismo.

A ONU é a maior e a mais representativa de todas as organizações internacionais que a história jamais conheceu. Nasceu no segundo pós-segunda, para salvar as gerações seguintes das duas guerras das gerações anteriores. Até hoje, foram 75 anos de sucessos e fracassos nas três missões fundamentais que lhe confiaram: a paz e a segurança, os direitos humanos e o desenvolvimento.

As Nações Unidas assumiram, desde a fundação, o princípio dos povos a disporem de si próprios e tiveram um papel fundamental na descolonização. Retiraram muita gente da pobreza e ajudaram a erradicar doenças como a poliomielite e a tuberculose ou a lutar contra a sida. Tiveram um papel central no reconhecimento dos direitos humanos como valor universal. E foram produtores líquidos de segurança internacional: em acções humanitárias, na resolução de

conflitos e nessa extraordinária invenção que são as operações de manutenção da paz. Não foi coisa pouca.

Mas todos estes sucessos não podem esconder os fracassos. Os objetivos do desenvolvimento sustentável não vão por bom caminho: a pobreza, o analfabetismo e a discriminação de género persistem, como persiste o drama dos refugiados e a violação dos direitos humanos. E, mais do que isso, as Nações Unidas foram impotentes para travar algumas das maiores tragédias humanas como os genocídios no Ruanda e na ex-Jugoslávia. Como foram incapazes de impedir a invasão do Iraque e as continuadas violações do direito internacional na Crimeia, na Síria ou no Iémen. E porquê? Porque o único órgão competente para emitir resoluções, juridicamente, vinculativas e mandar o uso da força militar fica bloqueado quando não há consenso entre os seus membros permanentes. Que usam e abusam dessa herança que receberam da Segunda Guerra, que é o direito de veto.

O Conselho de Segurança funciona mais vezes como um impedimento do que como um facilitador. Não é novidade. Foi assim no Concerto Europeu do século XIX, na Sociedade das Nações depois da Primeira Guerra e continua a ser assim nas Nações Unidas. Quando não há acordo entre os grandes, a instituição torna-se disfuncional e fica paralisada. Basta olhar para o que foi a ONU durante a Guerra Fria. E, agora mesmo, para o *blame game* entre a China e os Estados Unidos e a impotência da organização para encontrar uma estratégia global contra a pandemia.

Talvez o presente de aniversário das Nações Unidas que não chegou no próprio dia chegue nas próximas eleições americanas. Não estou nada certo, mas era o que eu gostava

Mas hoje não é só a quebra do consenso. É também a ausência de liderança e o ataque às normas internacionais. Num mundo onde impera o nacionalismo, o proteccionismo e o unilateralismo, Trump [vai retirando os Estados Unidos do sistema da Nações Unidas](#) (a UNESCO, o Conselho de Direitos Humanos, a OMS) e subvertendo a ordem liberal. Enquanto a China vai ocupando o vazio deixado pela liderança americana e reescrevendo as normas internacionais.

Sem liderança nem consenso e com o multilateralismo em crise, as Nações Unidas não têm vida fácil. E, no entanto, têm pela frente enormes desafios. A burocracia e o subfinanciamento, no plano interno. [O regresso da guerra fria](#) entre as grandes potências e um conjunto de ameaças globais, no plano internacional. E não se trata apenas dos conflitos tradicionais. Agora, são ameaças existenciais à segurança humana: a mudança climática, as doenças infecciosas, a segurança digital ou a proliferação nuclear. Todas elas diferentes na sua natureza e no seu grau de urgência. Mas com uma coisa em comum: só a cooperação internacional e só o esforço multilateral poderão reduzir o seu potencial destruidor. E é por isso que o multilateralismo continua a fazer sentido e é por isso que as Nações Unidas continuam a ser precisas. Mas isso pressupõe a reinvenção da ordem multilateral e o avanço na reforma da ONU. O que não se fará sem uma nova liderança que apoie um novo internacionalismo democrático. Talvez o presente de aniversário das Nações Unidas que não chegou no próprio dia chegue nas próximas eleições americanas. Não estou nada certo, mas era o que eu gostava.

Professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa; director do Instituto Português de Relações Internacionais

<https://www.publico.pt/2020/09/23/opiniao/opiniao/infeliz-aniversario-1932453>